

“O diabo” mulher: a ameaça por trás do saber feminino e da verdade d’A mulher

Letícia Pacheco Gondim e Cleyre Messias Gontijo

Resumo

Este artigo tem por objetivo apontar que, antes de Freud, houve todo um contexto histórico de tentativa de dominação e adestramento do feminino. Freud começou sua clínica escutando as mulheres que apresentavam sintomas que a medicina não conseguia curar, sendo o sintoma histérico uma forma de manifestação desse cerceamento. Embora Freud tenha escutado as mulheres e, a partir disso, alcançado o fator sexual na histeria, ele sintetiza as diferenças sexuais por meio do complexo de castração, limitando-as a uma identificação ideal no par heterossexual e na maternidade. Lacan afirma que não é do pênis que se trata, e, sim, do falo, como um significante que tem lugar no discurso do Outro. A mulher está sob o efeito da primazia do falo, no sentido simbólico que determina a diferença entre os sexos e suas relações, mas, para além da lógica da castração, há uma parte no campo do gozo que pertence ao real. Como o falo está recalcado, existe um desejo inconsciente que diz sobre o saber do sujeito feminino, enquanto a verdade é que a mulher não existe.

Palavras-chave:

Feminino; Falo; Significante; Saber; Verdade.

“The devil” woman: the threat behind feminine knowledge and the truth of The woman

Abstract

This article aims to point out that, prior to Freud, there was a whole historical context of attempts to dominate and train the feminine. Freud began his clinical practice by listening to women who presented symptoms that medicine could not cure, with hysterical symptoms being a form of manifestation of this restriction. Although Freud listened to women and, from there, reached the sexual factor in hysteria, he synthesizes sexual differences through the castration complex, limiting them to an ideal identification in the heterosexual pair and in motherhood. Lacan states that it is not about the penis, but about the phallus, as a signifier that occupies a place in the discourse of the Other.

Woman is under the effect of the primacy of the phallus, in the symbolic sense that determines the difference between the sexes and their relationships, but beyond the logic of castration, there is a part in the field of satisfaction that belongs to the real. Since the phallus is repressed, there is an unconscious desire that speaks about the knowledge of the female subject, while the truth is that the woman does not exist.

Keywords:

Feminine; Phallus; Signifier; Knowledge; Truth.

“El diablo” mujer: la amenaza por tras do saber femenino e da verdade de La mujer

Resumen

Este artículo tiene como objetivo apuntar que, antes de Freud, hubo todo un contexto histórico de intento de dominación y entrenamiento del femenino. Freud inició su clínica escuchando a las mujeres que presentaban síntomas que los medicamentos no podrían curar, siendo el síntoma histérico una forma de manifestación de esta restricción. Aunque Freud escuchó a las mujeres y, a ahí adelante llegó al factor sexual en la histeria, sintetiza las diferencias sexuales a través del complejo de castración, limitándolas a una identificación ideal en la pareja heterosexual y en la maternidad. Lacan asegura que no se trata del pene, sino del falo, como significante que tiene lugar en el discurso del gran Otro. La mujer está bajo el efecto de la primacía del falo, en el sentido simbólico que determina la diferencia entre los sexos y sus relaciones, todavía, más allá de la lógica de la castración, hay una parte en el campo del goce que pertenece a lo real. Al ser contenido el falo, hay un deseo inconsciente que habla del conocimiento del sujeto femenino, mientras que la verdad es que la mujer no existe.

Palabras claves:

Femenino; Falo; Significante; Saber; Verdad.

“Le diable” femme : la menace derrière le savoir féminin et la vérité de La femme

Résumé

L'objectif de cet article est de souligner qu'avant Freud, il y eut tout un contexte historique de tentatives de domination et de dressage du féminin. Freud a commencé sa clinique en écoutant des femmes qui présentaient des symptômes que la médecine ne parvenait pas à guérir, le symptôme hystérique étant une forme de

manifestation de cette impéritie. Bien que Freud ait écouté des femmes et qu’il en ait déduit le facteur sexuel de l’hystérie, il fait une synthèse des différences sexuelles à travers le complexe de castration, en les limitant à une identification idéale dans le couple hétérosexuel et la maternité. Lacan affirme que ce n’est pas le pénis dont il s’agit, mais le phallus, comme signifiant, qui a sa place dans le discours de l’Autre. Les femmes sont sous l’effet du primat du phallus, au sens symbolique qui détermine la différence des sexes et leurs rapports, mais au-delà de la logique de la castration, il y a une part du champ de la jouissance qui appartient au réel. Comme le phallus est refoulé, il existe un désir inconscient qui nous parle du savoir du sujet féminin, alors que la vérité est que la femme n’existe pas.

Mots-clés :

Féminin ; Phallus ; Signifiant ; Savoir ; Vérité.

Segundo Kehl (1998), ao pensarmos o feminino, encontramos uma gama enorme de produções dos séculos XVIII e XIX sobre como deveriam ser as mulheres, quais características elas deveriam ter — como o recato e a docilidade —, além de suas restrições e atribuições. Essas mulheres precisariam ser educadas para cumprir o destino que lhes foi naturalmente atribuído. Elas teriam que ser esposas e mães, ocupando um lugar social para elas predeterminado.

Neri (2002) ressalta que apenas na Revolução Francesa, no século XVIII, a mulher passou a ser vista como alguém com um lugar na sociedade, desestabilizando a hegemonia do masculino. Surgiu, assim, a crise da modernidade, marcada pela busca da fraternidade e pela recusa da paternidade, mediante a morte do rei e a proclamada morte de Deus, o que seria, segundo alguns filósofos, condição para a liberdade da humanidade. Instalou-se, dessa forma, uma demanda sobre o masculino e o feminino, na qual se discute se realmente um sexo seria superior ao outro. Outra consideração da autora é a de que a modernidade seria um processo de feminização da cultura, pois aí o feminino representaria a degeneração da cultura, tendo sido vãs as tentativas de excluí-lo.

Conforme Foucault (1988), surgiram novas formas de subjetivação do feminino, no que tange à sexualidade, no sentido de patologizá-lo e histericizá-lo, corroborando os ideais da sociedade burguesa, que desejava excluir o feminino da cena pública do século XIX. Almeida (2012) ressalta que os pais, maridos e educadores preferiam que a mulher se mantivesse sexualmente inocente e socialmente maleável. O erotismo representava algo ameaçador e perigoso, por colocar em risco a ordem que havia sido construída pelo mundo burguês. O autor relata ainda a invisibilidade social, pois, ao sofrerem esse distanciamento de uma apropriação da fala, as mulheres também ficaram afastadas da participação cultural. Até

aquele momento, século XIX, a tradição cristã havia construído uma polarização entre ser mulher e a maternidade. O erotismo era tido como algo negativo e sem virtude; a maternidade era algo bom e desejável. A relação sexual só seria viável com finalidade de procriação, e qualquer dimensão de prazer no corpo feminino deveria ser silenciada.

Talvez essas construções de medo e ameaça do feminino já viessem de longe. A mulher na Antiguidade, segundo Nogueira (2000), era tida como mais suscetível aos poderes do Demônio, estando, assim, predestinada ao mal. Como era maliciosa, ficaria mais facilmente endemoniada.

Nogueira (1991) refaz o caminho das origens históricas do Demônio para explicar como a mulher foi colocada nesse papel de companheira de Satã. O Diabo assumiu o posto de “Pai da desobediência”, como um parâmetro de divisão do mundo entre o bem e o mal, personificados no Cristo e no Diabo. Criou-se um imaginário demoníaco consolidado ao longo da história, no qual temos os servos de Deus e os servos do Diabo. O Demônio não está vencido, vaga pela Terra para tentar agarrar a quem não estiver preparado, explora a fraqueza e o desejo dos homens bons. O Diabo é uma ameaça constante, que tem na mulher sua vítima, já desde há muito lembrada na tradição bíblica: “Pouca maldade é comparada com a da mulher” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Eclesiástico 25:19). Era considerada também o portão para a entrada do Demônio, que se constitui na perdição dos homens. Assim, a mulher era considerada, também, tanto vítima quanto parceira do Diabo.

A sexualidade, de acordo com Nogueira (1991), passa a ser um meio de perdição. O autor ainda retoma as ideias de Santo Agostinho, que dizia que o homem é feito à imagem de Deus, diferentemente da mulher. O autor também cita Tomás de Aquino, que busca em Aristóteles argumentos para dizer que o único sexo é o masculino, e que o feminino é um receptáculo na procriação, marcado pela imbecilidade e, portanto, um masculino imperfeito. Além disso, Nogueira menciona o culto à Virgem, em que se exalta uma mulher que é exceção, corroborando a misoginia sistematizada pelo cristianismo, visto que, na Virgem, a sexualidade é faltante.

Um grande número de discursos, difundidos a partir do século XIII, foram tecendo o medo do Diabo e também o medo da mulher. Um grande exemplo é o livro *Malleus maleficarum*, escrito no século XV, que se tornou um guia da Inquisição na luta contra a bruxaria. Nesse livro, encontramos a expressão maior da demonização do feminino, que, antes, vítima, agora passa a agente direto do Demônio, uma bruxa, representada por uma mulher, que acomete principalmente os homens (Nogueira, 1991).

Giddens (1993) fala de estudos e vários discursos sobre como o sexo está relacionado com elementos constituidores de situações de poder. Em um desses estudos, estava inserida a mulher, que teve sua sexualidade reconhecida e, mais que depressa, reprimida. Esse contexto deu origem à patologia da histeria. O ca-

samento e a manutenção da família, em que o sexo deveria ser controlado e utilizado somente para reprodução, ao passo que o controle da contracepção era desencorajado por estar relacionado com o autocontrole de prazer pela mulher.

Segundo Molina (2011), a psicanálise, fundada por Sigmund Freud no século XIX, tentava resolver assuntos que a medicina daquele tempo não conseguia. Os sintomas surgiam sobretudo nas mulheres. A partir de seus estudos e observações, Freud fundou sua teoria baseada no inconsciente e a qual, ao longo dos anos, foi sendo elaborada e aprimorada. Ainda segundo Molina (2011, p. 12), “uma verdadeira revolução epistemológica”. Entre muitos assuntos tratados pela psicanálise estava o feminino, que contemplava a dor de mulheres que apresentavam sintomas do que foi chamado de histeria. Roudinesco e Plon (1998) mostram que o termo histeria vem do grego *hystera*, que significa matriz, útero. E de fato os diagnósticos de histeria eram mais numerosos entre mulheres do que entre homens.

Para Demes, Chatelard e Celes (2011), é por meio desses sintomas de histeria que a mulher ousa dizer algo para ser ouvida do lugar de oprimida social e psiquicamente. O contexto histórico deu indícios de que houve uma escuta da mulher. Neri (2002) afirma que, com a chegada da modernidade, delineou-se um novo paradigma sob a figura do feminino-mulher, que obteve destaque, já que a mulher saiu da cena privada, tornando-se objeto de interesse e estudos médicos. A psicanálise elevou o feminino, valorizando-o culturalmente e contrariando a medicina da época. Freud, nesse sentido, atuou como positivador ativo do feminino.

Conforme Neri (2002), a histeria revela um ser que é enunciador de cenas do inconsciente e que, ao falar, revela seus desejos e possíveis pulsões exacerbadas: a mulher, como portadora de excessos sexuais e comportamentos inadequados, ultrapassava o limite que estava no discurso do século XIX.

Em “A dissolução do complexo de Édipo”, Freud (1924/1996) descreve todo o processo sexual da primeira infância, que é uma programação de desenvolvimento a qual posteriormente entraria em pausa no tempo de latência. No período denominado fase fálica, as crianças concentram sua atenção no órgão sexual masculino, pois o genital feminino não foi notado. Quando o menino se interessa pelo pênis, recebe ameaças de castração das mulheres, e os homens aparecem como executores das ameaças. O menino passa a crer na castração e se afasta do complexo de Édipo.

Segundo Freud (1924/1996), a menina tem um processo diferente. A menina tem um processo diferente, pois, a princípio, acredita que seu clitóris é um pênis e se consola, assumindo que adquirirá um maior quando crescer. No entanto, sua conclusão passa a ser a de que ela perdeu aquele que possuía, ou seja, trata a castração como fato consumado, fazendo uma equação simbólica. Ela faz uma equação simbólica de equivalência entre o pênis e o bebê, dois elementos que permanecem no inconsciente para futuramente ajudar no papel sexual. Freud admi-

tia ter uma compreensão então deficitária do processo edípico feminino. Nesse mesmo texto, ele também conceituava a bissexualidade: as atitudes ativas são tidas como masculinas, e as atitudes passivas, como femininas. E ambos os sexos alternam entre essas posições.

No texto “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, Freud (1925/1996) retomou novamente os caminhos do complexo de Édipo do menino e da menina, referindo-se à bissexualidade mais uma vez. O autor nota a inveja da menina em relação ao pênis e a aversão do menino em relação ao órgão genital feminino, que chega para ele como uma mutilação. A menina culpa a mãe por tê-la feito sem o pênis e posteriormente apresenta uma intensa recusa à masturbação. Nesse caso, Freud se refere à masturbação do clitóris, que é considerada por ele uma atividade masculina. Todo esse caminho levaria a uma onda repressiva, que retiraria as partes de sexualidade masculina para dar lugar à feminilidade.

No texto “Sexualidade feminina”, Freud (1931/2018) aponta que a menina, antes de se ligar ao pai no complexo de Édipo, tem uma primeira ligação com a mãe. Ele ressalta essa passagem como um desenvolvimento da mulher, assim como nota a importância da transição da zona genital do clitóris para a vagina como meio de alcançar a sexualidade feminina. Dessa forma, a vida sexual feminina se divide em duas fases: a primeira tipicamente masculina; e a segunda, feminina. Para que ocorra essa mudança, a mulher precisa se dar conta da castração.

A mulher constata a castração e se revolta por se reconhecer, segundo Freud (1931/2018), inferior ao homem. A partir desse ponto, ela pode seguir três caminhos: desistir da sexualidade de maneira geral; acreditar na possibilidade de recuperar o pênis e de ser um homem, o que Freud chamou de “complexo de masculinidade”; e, por último, o autor aponta para a forma feminina como um caminho que ele chamou de normal, em que a mulher toma o pai como objeto.

Freud (1931/2018) afirma que, pelo fato de a castração se apresentar para a mulher como algo consumado, ficaria faltando o motivo que provocaria a destruição do complexo de Édipo, apontando que ele não é completamente superado por ela. O autor alega ainda que é na forma de oposição ao homem que o complexo de Édipo e o complexo de castração definem o caráter social da mulher.

No texto “A feminilidade”, Freud (1933/1996) sugere que a mulher é um enigma. A distinção entre masculino e feminino não é possível apenas pelos órgãos ou funções sexuais, visto que partes tanto do masculino quanto do feminino são encontradas em ambos os sexos, o que faz com que um indivíduo não tenha contornos fixos que o definam nem como homem, nem como mulher. Nesse sentido, a anatomia não comporta o que consiste em masculinidade e feminilidade. A própria ideia defendida por Freud anteriormente — atividade e passividade — não é suficiente, pois a agressividade não é restrita somente ao masculino.

Freud (1933/1996) constata que a mulher pode ter uma preferência por metas passivas, sendo essa preferência, no entanto, não desvinculada das normas sociais que impõem a ela condutas passivas. A feminilidade estaria ligada à pulsão, e é por viver a repressão à agressividade que a pulsão passa a se manifestar por moções masoquistas.

Freud (1933/1996) pontua ainda que a menina responsabiliza a mãe pela ausência do pênis e não a perdoa. Após essa constatação, a menina lamenta não ter o pênis e se torna vítima dessa inveja, que marcará seu desenvolvimento e caráter. Em vista disso, Freud menciona que esse desejo aparece de forma sublimada; por exemplo, na predisposição da mulher para seguir uma profissão intelectual.

O caminho que Freud designou como normal anteriormente levaria a mulher a direcionar sua libido ao pai, o que indicaria que ela estaria em busca do pênis que sua mãe lhe negou. A partir daí, o desejo do pênis seria substituído pelo filho, e ela teria como horizonte o desejo de ter um filho do pai e ingressaria no complexo de Édipo (Freud, 1933/1996).

Como mencionado, Freud coloca a mulher em oposição ao homem, e a forma como se dão o complexo de Édipo e o complexo de castração define seu caráter social. Assim, Freud (1933/1996) retratou a mulher com menos senso de justiça que os homens, menos interesses sociais, e sua capacidade para sublimação seria menor. Ele afirmou ainda que a mulher apresentaria, no processo de análise, uma rigidez psíquica. As mulheres teriam feito, segundo ele, poucas contribuições na história cultural, e a vaidade física seria resultado da necessidade de revelar, com bastante ênfase, seus encantos, como forma de compensação por uma inferioridade original.

Além disso, de acordo com Freud (1931/2018), a mulher teria um masoquismo feminino e uma frieza decorrentes da hostilidade ocasionada após a troca do objeto amoroso materno pelo pai no complexo de Édipo.

Moreira (2021) afirma que, embora Freud tenha escutado as mulheres e a partir disso tenha alcançado o fator sexual na histeria, ele manteve a feminilidade “normal” no casamento e na maternidade. No entanto, não é o caso de condená-lo. Ademais, a autora retoma Lacan para dizer que a psicanálise deve estar à altura da subjetividade de seu tempo.

Lacan, citado por Soler (2006), alega que não é do pênis que se trata, e, sim, do falo, como um significante que tem lugar no discurso do Outro. Para além da lógica da castração, há uma parte no campo do gozo que não passa pelo Um fálico, pertencendo ao real, fora do simbólico. Ainda que a mulher esteja sob o efeito da primazia do falo, no sentido simbólico que determina a diferença entre os sexos e suas relações, ela é um dos nomes desse gozo real e, portanto, ela não existe. É o que Lacan designou como não-toda na função fálica.

Freud colocou a demanda de amor do lado feminino, e Lacan, citado por Soler (2006), afirma que a falta do falo na mulher se converte em ser o falo, o que falta ao Outro. Assim, ela se ocupa de ser “o que não tem”. Nesse sentido, Soler (2006) afirma que o ser feminino continuou determinado pela mediação do sexo oposto, impedindo um dizer sobre seu ser em si.

Embora a mulher consiga se livrar do homem, ela não pode evitar a problemática fálica. “Bancar” um homem e uma mulher dentro dessa lógica fálica implica o jogo de máscaras, estando no lugar do ter ou mascarando sua falta. A partir desse semblante fálico, temos o desejante e o desejável. Esse semblante, segundo Soler (2006), é mais acentuado na mulher, que, para se incluir no casal sexual, deve conformar-se ao desejo do homem. Como o falo está recalcado, o desejo está inconsciente para todos, e na hiância do recalçamento há uma proliferação do imaginário que impõe ideias dos sexos alimentados também pelo capitalismo.

Para Jimenez (2014), como o homem fica preso à lei fálica, ele tem um gozo limitado. Na mulher, o gozo se torna impossível de ser localizado, tornando-se infinito. Nesse sentido, a autora marca por que a mulher pode ocupar o lugar de louca, de transgressora, de não confiável.

Até o século XIX, o discurso do pai imperava na cultura, impossibilitando alguma saída para a mulher, segundo Kehl (2002). Na literatura, por exemplo, isso é visto a partir de duas personagens marcantes: Emma Bovary e Anna Kariênina. Na obra *Anna Kariênina*, de Tolstói (2017), escrita entre 1873 e 1877, a personagem vive uma relação extraconjugal. Em seu casamento, o relacionamento é distante, e com seu amante ela se apaixona intensamente. Anna assume esse relacionamento e passa a viver uma discriminação social. Tolstói nos provoca o tempo todo com o impasse vivido por essa personagem.

Anna só consegue ver a solução para seus conflitos através da morte, assim como Emma Bovary. Elas reivindicavam um lugar inexistente. Segundo Heineberg (2018), Emma viveu, assim como Kariênina, paixões fora do casamento e tinha grande interesse em se inserir na cultura. Antes de seu suicídio, havia encontrado em Paris um mundo melhor, onde vivia com seu amante. Bovary foi uma personagem tão subversiva para a época que o autor da obra sofreu um processo no Tribunal de Paris por descrever um episódio em que Emma e o amante teriam transado em um fiacre durante um longo passeio. Paris foi uma saída que Emma encontrou para rejeitar seu mundo, ao mesmo tempo que permanecia nele, segundo Allouch (1997).

Segundo Moreira (2021), Lacan traz uma visão não essencialista, relacionando o feminino e o masculino com a lógica de gozo, não funcionando em forma de oposição ou complementaridade. A identidade homem existe, e a feminina, não. A política que visa à universalidade teria fins masculinos; e aquela que visa a der-

rubar a ideia de identidade e universalidade pertenceria à ordem do feminino. O uso de identidade apareceria apenas como forma de responder a uma demanda social de universalização, mas não deve ser limitante. É a partir do feminino, então, que é possível pensar novas formas para o sujeito e para a política.

A mesma autora ainda afirma que aquilo que funcionou como obstáculo para o movimento feminista foi a questão da universalidade. Na tentativa de se dizer “a mulher” como maneira de se criar uma força identitária, algo como o contexto social impede que se diga a mulher dessa maneira. Além da impossibilidade, abordada pela psicanálise, de limitar o papel sexual e de gênero de um sujeito, a ideia de que haveria uma divisão interna no sujeito já estaria em Freud, quando ele abordou a bissexualidade. Desse modo, a singularidade do sujeito é o feminino, que diria da inexistência e da lógica do não-todo.

Knudsen (2021), citando Birman, afirma que, por não termos nada que nos defina como sujeitos, não nos organizamos a partir do verbo “ser”, e, sim, do verbo “estar”. Nesse sentido, estamos em determinado gênero. Homem e mulher são significantes; assim, são apenas nomes utilizados para as coisas que são definidas por nossos pais.

Segundo Scott (2019), ainda que a psicanálise traga uma visão útil sobre a construção da identidade de gênero, é essencial retomar a história para entender o que está em jogo na classificação de gêneros: o poder. Foi por meio dessa classificação que se deu sentido às interações sociais, justificando os termos governantes e governados. As divisões de classe eram baseadas no gênero. Os termos femininos entraram no lugar de subordinados, e os termos masculinos, no lugar que faz referência aos fortes produtores. Portanto, o poder público nas mãos de uma autoridade específica masculina depende da exclusão do feminino, e mexer nisso ameaça todo o sistema.

Para a autora, as coisas podem mudar por vários caminhos: por meio de uma manifestação de massa, por crises causadas pela guerra, fome ou peste. Assim como por uma mudança na lógica do trabalho e pelo surgimento de um símbolo de referência que ofereça uma reformulação.

Wittig (2019) apontou que o início do feminismo fracassou porque ficou preso na acusação de Darwin que colocava a mulher como inferior ao homem. Nesse sentido, o movimento feminista se manifestou para atacar essa acusação, aceitando essa ideia da mulher como “única”, uma vez que entendia que o ataque às mulheres tinha relação com o ser delas, e passou a reivindicar igualdade. Ocorre que, se colocado assim, seria possível falar da mulher. E a mulher, assim como o homem, é uma invenção de classe. A mulher não existe, e, sim, as mulheres. Seguindo essa lógica, a mulher, como objeto de opressão, deixaria de existir e passaria a ser um sujeito, que, a partir de então, poderia lutar. O que um sujeito vive são problemas sociais que falam da questão de classe.

Nogueira (2022) afirma que a divisão entre os sexos tem uma base social do trabalho que se amplia para além da relação entre homem e mulher, atingindo questões de raça, etnia, idade e as comunidades LGBTQIA+, o que torna mais coerente falar em divisão sociosexual do trabalho. Em vista disso, a autora enfatiza que a hierarquia homem e mulher funciona para a manutenção da ordem do sistema capitalista, em que o homem é explorador, e a mulher, explorada, assim como as outras relações de etnia, raça e sexualidade.

Para Nogueira (2022), a mulher, no século XX, passou a lutar para alcançar os mesmos salários que os homens diante da mesma atividade e a igualdade na divisão do trabalho doméstico. Porém, o alcance da mulher no mercado de trabalho está relacionado com o trabalho precarizado, principalmente quando se trata de mulheres negras, imigrantes, indígenas ou LGBTQIA+. A mulher ainda detém a maior parte da atividade doméstica, servindo ao sistema capitalista, que, dessa forma, consegue manter a força trabalhadora que já existe e permite o surgimento de novas forças para continuar respondendo à lógica do capital. Moraes (2022), por exemplo, ressalta a violência contra a mulher no Brasil, baseada na religião e no patriarcado, como maneira de manter essa lógica de subordinação da mulher ao homem.

Srinivasan (2021a), por sua vez, destaca a interseccionalidade, um termo cunhado por Kimberlé Crenshaw, que questiona a ideia de reduzir a questão a todos os eixos de opressão, tornando necessário considerar as diferenças. Se a questão gira em torno do que os grupos têm em comum, o grupo privilegiado continua no lugar de menos oprimido. Lidar com a opressão patriarcal, considerando casos complicados que envolvam fatores de casta, raça ou classe, é uma maneira de atender às necessidades para além das mulheres brancas, ricas e de alta casta.

Srinivasan (2021a) cita o episódio de 16 de dezembro de 2012, quando uma mulher em Delhi, chamada Jyoti Singh, foi brutalmente estuprada e torturada por seis homens dentro de um ônibus. Ela morreu 13 dias depois em consequência das agressões. Foi introduzida em sua vagina uma barra de ferro enferrujada. A violência sexual na Índia é decorrente da herança do colonialismo britânico, marcado pela pobreza, desigualdade racial e de classe, além do sistema de casta e religião. Segundo a lógica do sistema, os homens que estupram são aqueles de identidades raciais e de castas minorizadas, e as mulheres de identidades minorizadas são consideradas hipersexualizadas, sendo mantidas como alvos constantes de violência sexual, inclusive pelo grupo de homens minorizados, que geralmente são criminalizados nos casos em que as mulheres atacadas pertencem a castas ou raças consideradas elevadas.

Na Índia, segundo Srinivasan (2021a), o estupro de Jyoti Singh gerou uma grande comoção por ela ser de uma casta elevada, enquanto outras mulheres de castas inferiores sofrem violência sexual, sendo a maior parte dos casos não

criminalizada. A situação das mulheres é tão alarmante que a esposa de um dos homens que foi condenado à morte pelo crime cometido contra Jyoti Singh pediu desesperadamente que o inocentassem, porque ela e seu filho dependiam dele para sobreviver.

Srinivasan (2021b) constata que a lógica até então imperante do patriarcado, de acordo com a qual as mulheres assumiram o lugar de servir amor e cuidado a seus maridos, respondendo ao capitalismo, tem relação direta com os movimentos políticos de extrema direita. Seria o que ela chamou de política ressentida da masculinidade branca, que reivindica o direito ao sexo com as mulheres consideradas socialmente mais atraentes, brancas e “gostosas”. Eles se sentem ameaçados por não ocuparem o lugar de machos dominantes, ricos, que são, segundo eles, os escolhidos por esse grupo de mulheres. Os homens querem o sexo no lugar de mercadoria, e as mulheres, como estão no lugar de mistério, passam a ser um obstáculo.

Jimenez (2014) menciona que, como falta o significante que diz sobre o que é uma mulher, é possível compará-la à verdade, sendo a verdade uma ficção. Segundo a autora, o feminino foi confundido com o masoquismo, porque o sofrimento atribuído ao feminino é pela falta de um significante, o que faz com que falte algo que lhe dê consistência.

André (1998) cita o sonho da injeção de Irma, relatado por Freud, para fazer referência à feminilidade. O sonho apresenta uma complexidade de elementos, mas o ponto que André salienta é a garganta de Irma cheia de placas, conforme destacado por Freud. A garganta seria uma forma de falar do horror que o órgão feminino causa em sua própria forma, na carne bruta, referindo-se à origem da vida e também da morte. Nessa perspectiva, André, citando Lacan, afirma que o sonho vem falar sobre o que afeta as históricas, alguma coisa inominável, que surge em seus corpos e que não foi sexualizada, isto é, que ficou de fora do desejo do Outro.

O autor (André, 1998) ainda menciona a relação que Freud faz da equivalência entre mulher e morte. No momento em que Irma se posiciona para mostrar sua garganta, ela apresenta resistência. Irma apresentava, no sonho, características que fizeram Freud lembrar de sua esposa Martha, quando essa apresentava queixas de dores no abdômen. Nessa ocasião, segundo André (1998), ele teve que examiná-la, e sua esposa apresentou pudor no ato de abrir as pernas, ressaltando que Freud coloca boca e sexo feminino como equivalentes, relacionando o silêncio e a morte no feminino. Quando André cita o inominável no corpo, isto é, o que não foi sexualizado, ele está dizendo que não houve aparato fállico.

Por fim, segundo Zalcberg (2012), identificar-se com o significante levaria ao encontro com o sujeito do inconsciente e com a ausência da própria existência da mulher, e é nesse sentido que a mulher se situa como semblante para recobrir o

nada. O amor é uma forma de buscar respostas sobre seu ser, além de poder barrar o gozo que se manifesta sem limites. Quando uma mulher perde um amor, pode surgir a devastação. A devastação é algo que pode aparecer na relação entre mãe e filha, na qual a filha espera que a mãe lhe transmita o impossível da feminilidade.

O homem, no entanto, segundo Jimenez (2014), pode entrar em um lugar de resolver o mistério da mulher, em vez de brincar com os enigmas. Dessa forma, ele colocaria a mulher no lugar de superego, tornando-se angustiado e desesperado para contê-la. Assim, o que estaria em jogo seria o apagamento da mulher.

Na modernidade, há, segundo Zalberg (2012), uma tendência a forcluir o ser de saber da mulher, além de o amor, que seria a forma de a mulher se tornar Outra para si mesma, estar em crise. Assim, dá para dizer que a mulher se livrou dos fins trágicos? Recusar o saber da mulher não seria uma forma de recusar o saber que não se sabe?

Referências bibliográficas

- Allouch, J. (1997). Rede de perseguidores, razão do delírio. In J. Allouch. *Paranoia: Marguerite, ou "Aimée" de Lacan* (pp. 263-318). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Almeida, A. M. M. de (2012). Feminilidade: caminho de subjetivação. *Estudos de Psicanálise*, 38, 29-44.
- André, S. (1998). O encontro com o inominável. In S. André. *O que quer uma mulher?* (pp. 46-63). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bíblia de Jerusalém (2002). *Livro do Eclesiástico*. Rio de Janeiro: Paulus.
- Demes, J. R., Chatelard, D. S., & Celes, L. A. M. (2011). O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 11(2), 645-667.
- Foucault, M. (1988). O dispositivo da sexualidade. In M. Foucault. *História da sexualidade I: a vontade de saber* (pp. 73-123). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freud, S. (1996). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX, pp. 191-199). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1996). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX, pp. 273-286). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1996). A feminilidade. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXII, pp. 113-134). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2018). Sexualidade feminina. In S. Freud. *Amor, sexualidade, feminilidade. Obras incompletas de Sigmund Freud* (Vol. VII, pp. 285-311). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1931)

- Giddens, A. (1993). Foucault e a sexualidade. In A. Giddens. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (pp. 27-46). São Paulo: Editora Unesp.
- Heineberg, I. (2018). Apresentação. In G. Flaubert. *Madame Bovary*. Porto Alegre: L&PM.
- Jimenez, S. (2014). O drama da sexuação humana. In S. Jimenez. *No cinema com Lacan: o que os filmes nos ensinam sobre os conceitos e a topologia lacaniana*. Ponteio.
- Kehl, M. R. (1998). A constituição da feminilidade no século XIX. In M. R. Kehl. *Deslocamentos do feminino* (pp. 25-121). Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (2002). O homem moderno, o desamparo e o apelo a uma nova ética. In M. R. Kehl. *Sobre a ética e psicanálise* (pp. 39-75). São Paulo: Companhia das Letras.
- Knudsen, P. P. (2021). Três respostas aos gêneros “não binários”. *Revista Cult*, 24(270), 32-35.
- Lacan, J. (1988). A questão histórica (II): “O que é uma mulher?” In J. Lacan. *Seminário 3: as psicoses* (pp. 198-208). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1956)
- Molina, J. A. (2011). Um mal-estar na psicanálise. In J. A. Molina. *O que Freud dizia sobre as mulheres* (pp. 11-18). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Moraes, M. L. Q. (2022). A importância do Feminismo marxista no enfrentamento do neoliberalismo. *Revista Cult*, 25(282), 20-22.
- Moreira, M. M. (2021). As vozes das mulheres e o indizível da Mulher. *Revista Cult*, 24(270), 29-31.
- Neri, R. (2002). O encontro entre a psicanálise e o feminino: singularidade/diferença. In R. Neri. *Feminilidades* (pp. 13-34). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Nogueira, C. M. (2022). Divisão psicosexual do trabalho: a esfera da produção e da reprodução. *Revista Cult*, 25(282), 22-24.
- Nogueira, C. R. F. (1991). As companheiras de Satã: o processo de diabolização da mulher. *Espacio, Tiempo y Forma: Revista de la Facultad de Geografía e Historia*, 4, 9-24.
- Nogueira, C. R. F. (2000). Deus e o diabo: a pedagogia do medo. In C. R. F. Nogueira. *O diabo no imaginário cristão* (pp. 41-70). Edusc.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). Histeria. In *Dicionário de psicanálise* (pp. 337-342). Rio de Janeiro: Zahar.
- Scott, J. (2019). Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In J. Scott. *Pensamentos feministas: conceitos fundamentais* (pp. 49-80). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

- Soler, C. (2006). O que diz dela o inconsciente. In C. Soler. *O que Lacan dizia das mulheres* (pp. 25-38). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Srinivasan, A. (2021a). A conspiração contra os homens. In A. Srinivasan. *O direito ao sexo: feminismo no século XXI* (pp. 17-54). São Paulo: Todavia.
- Srinivasan, A. (2021b). Coda: a política do desejo. In A. Srinivasan. *O direito ao sexo: feminismo no século XXI* (pp. 125-158). São Paulo: Todavia.
- Tolstói, L. (2017). *Anna Kariênina*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Wittig, M. (2019). Não se nasce mulher. In M. Wittig. *Pensamentos feministas: conceitos fundamentais* (pp. 83-92). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Zalcberg, M. (2012). A devastação: uma singularidade feminina. *Tempo Psicanalítico*, 44(2), 469-475.

Recebido: 01/12/2023

Aprovado: 15/12/2023